

A construção social de uma ideia de Índia

Cecilia Guimarães Bastos

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Atua na graduação do Centro Federal de Educação Tecnológica do Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Cefet/Cederj) e é pesquisadora do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
E-mail: ceciliagbastos@gmail.com

Resumo: Investigo a noção de Índia espiritualizada baseada na ideia do discurso enquanto construção social. Analiso, por um lado, o discurso de peregrinos à Índia e, por outro, narrativas apresentadas em diversas fontes (páginas da Internet, jornais e revistas de turismo, livros, guias e agências de viagens) que promovem viagens à Índia. Entendo que a noção de uma Índia “espiritualizada” é frequentemente influenciada pelos discursos veiculados na mídia (e pelos próprios viajantes que relatam suas vivências aos familiares e amigos), devido ao fato de o “místico” e/ou “espiritual” ser o elemento que aparece ali e desse tipo de narrativa influenciar outros a estarem mais dispostos a enxergar certas situações como espirituais ou místicas. Verifiquei que esse tipo de narrativa é um indicativo da imagem construída pelos agentes sociais que têm por objetivo “divulgar a cultura indiana”.

Palavras-chave: Representação; Espiritualidade; Índia; Peregrinação.

The social construction of an idea of India

Abstract: I look into the notion of a spiritualized India based on the idea of the discourse as a social construction. I analyze, on the one hand, the discourse of pilgrims and, on the other, narratives presented by diverse sources which promote travels to India, such as websites, tourism journals and magazines, books, travel books and agencies. I understand the notion of a “spiritualized” India as being influenced by the discourses broadcasted by the media and by travelers themselves who describe their experiences to relatives and friends, and because “mystic” and/or “spiritual” are the main elements in their accounts, thus influencing others to be more willing to see certain situations as spiritual or mystic. I verified that this is an indication of an image constructed by social agents who have as their aim the “broadcasting of the Indian culture”.

Keywords: Representation; Spirituality; India; Pilgrimage.

Introdução

Ao analisar um tipo de turista que encontrei na Índia – em uma pesquisa de campo realizada para a tese de doutorado em Ciências Sociais – comecei por investigar qual seria a melhor categoria para denominá-lo. Podemos dizer que, inicialmente, os viajantes pesquisados poderiam se “enquadrar” em uma categoria genérica de turista, mas o que os distingue é a busca por lugares que oferecem uma experiência espiritual. Isso não significa que o melhor termo para denominá-los seja “peregrino”, ou “turista religioso”, mas que as fronteiras entre tais categorias são porosas. O que há em comum em suas narrativas é a utilização de noções, como de peregrinação, ritos de passagem, identidade, religiosidade, busca espiritual, que ganham novos significados, sendo que tais noções não estão “essencializadas” e, frequentemente, seus significados são deslocados.

Entendo que a busca desses peregrinos é muitas vezes influenciada pelos discursos veiculados, devido ao fato de o “místico” e/ou “espiritual” ser o elemento que aparece nos discursos produzidos sobre o país, não apenas pela mídia como um todo, mas também pelos próprios viajantes, que relatam suas vivências a familiares e amigos. Muitas vezes esses relatos podem influenciar novos viajantes a, de certa forma, enxergarem certas situações como espirituais ou místicas. Esclareço que minha intenção não é simplesmente dizer que a experiência pela qual passam seja ou não espiritual, mas entender por que atribuem a suas experiências esse significado.

Investigo mais profundamente a noção de Índia espiritualizada, baseada na ideia do discurso enquanto uma construção social. Percebi que muito do que os viajantes pensam guarda certa semelhança com o que é divulgado pela mídia em anúncios de viagens, em sites e em agências de viagens que vendem peregrinações ao Rio Ganges, em Varanasi (também conhecida como Benares) ou em Rishikesh¹ (local que concentra grande número de *ashrams* de práticas e filosofias indianas), no Himalaia, a Bodhgaya (local onde Buda atingiu a iluminação), a Dharamsala (local onde vive o Dalai Lama) e a vários outros locais. Enfim, o atrativo vendido é a possibilidade de realizar uma *viagem interior*, na qual existe a possibilidade de conhecer melhor o “eu” ao vivenciar o contato com uma cultura religiosa.

A fim de compreender como as representações em torno da Índia eram socialmente construídas, procurei analisar as diferentes narrativas apresentadas em diversas fontes (sites, jornais e revistas de turismo, livros, guias e agências de viagens) que promovem viagens à Índia:

Lar do Himalaia, que abriga as montanhas mais altas, a Índia é a maior e mais antiga democracia do mundo, e contém uma riqueza impressionante de conhecimento, cultura e espiritualidade. E nesta mais antiga civilização conhecida pela humanidade, existem segredos místicos escondidos na espiritualidade silenciosa da Índia, fazendo dela uma terra mística de meditação, contemplação e iluminação. Por milhares de anos, muitos têm deixado os confortos de suas casas e famílias para cruzar essa terra espiritual em busca desses segredos. Seu objetivo tem sido alcançar um entendimento mais profundo da existência e compartilhar o significado da vida que poderia elevar o resto da humanidade.²

Conhecer de perto a Índia dos Gurus, ashrams e marcos históricos, quase mitológicos, que fizeram a fama da distante Índia como um ponto de concentração mística no mundo. Esse é o intento da viagem **Índia Mística: a rota do autoconhecimento**, realizada nos meses de fevereiro e março em seu misto de turismo e peregrinação. Navegando há milhares de anos entre o povo indiano um conto relata a história de um viajante que percorre longas distâncias para, no fim da jornada, chegar a ele mesmo. Essa mesma viagem ao centro da fé e cultura hindus, com suas cores, sabores e aromas é o ponto de partida de uma excursão em níveis interiores, buscando em pontos turísticos da Índia um passeio que explora o conhecimento de si. Índia Mística: a rota do

¹ George Harrison, na biografia oficial da banda chamada *The Beatles Anthology*, lançada em vídeo em 1995, descreve Rishikesh como um lugar incrível onde 99% das pessoas são todas renunciantes. Sem dúvida, trata-se de uma visão idealizada, muito longe da realidade, mas o ponto que estou enfatizando aqui é esse: há essa idealização.

² Disponível em: <<http://bit.ly/2jc1kS5>>. Acesso em: 24 maio 2015.

autoconhecimento une a Índia, terra dos marajás, palácios e exotismo à Índia espiritual, dos mestres, yoga e misticismo. (ALVEZ, 2011, grifos do autor)

Um roteiro especial para você, que busca por uma viagem não só agradável e confortável, mas em busca do autoconhecimento. Os organizadores unem sua experiência espiritual de anos a várias viagens à Índia liderando grupos.³

³ Disponível em: <<http://bit.ly/2jvKfSG>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

Outros exemplos podem ser encontrados tanto em sites de Organizações não governamentais quanto em romances. A organização *Explore* se refere ao país como “uma terra descrita como de raízes filosóficas e espirituais profundas, uma terra mágica” (SPIRITUAL..., 2015). No livro *Cidades perdidas da China, Índia e Ásia Central* há depoimentos de peregrinos que vivenciam o misticismo:

Eu e David, com os milhões de peregrinos, fizemos nossa saudação ao sol, em pé no meio do rio, com os olhos fixos no céu. Atordoados, quase em estado de choque com a intensidade daquela experiência mística, fomos voltando devagar para a tenda. (CHILDRESS, 1988: 94)

Entendi que esse tipo de narrativa era um indicativo da imagem socialmente construída pelos agentes sociais que têm por objetivo “divulgar a cultura indiana”. De maneira geral, a Índia é sempre apresentada como um local onde as pessoas podem “experimentar um encontro com o sagrado”, onde é possível “reencontrar” ou “conectar-se”.

A representação de uma Índia “espiritualizada”

Como tem sido destacado por diversos autores, a constituição de destinos turísticos implica sempre a construção de narrativas e representações orientadas em sua diferenciação em um contexto global de forte competição. Concordando com Castro (1999), entendo que os guias de viagem representam uma fonte interessante para pensar a construção de imagens sobre um dado destino. Entendo que é por meio das atrações selecionadas das narrativas construídas sobre o país que o olhar do turista é construído, o que não impede que ele possa construir sua própria narrativa, mas ressalto que seu olhar é muitas vezes mediado por aquilo que leu ou ouviu antecipadamente.

Enfatizo portanto que, quando falamos de turismo, estamos sempre falando de alteridade. E no caso aqui estudado, tanto os sites quanto os livros dão aos viajantes certa “antecipação” da viagem. Uma ilustração disso é: “você [...] se sentirá envolvido por uma atmosfera mística. A história da Índia se confunde com lendas, história dos deuses e semideuses”.⁴

⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/2j5Rvlj>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

Uma matéria da Folha de S. Paulo adverte que Nova Delhi “atordoia os estrangeiros com toda sua confusão”, informando ainda que “o cheiro característico da Índia é o que mais impressiona os visitantes” (YOKOTA, 2012) – o que significa que os sentidos ficarão exaltados. É enfatizada a necessidade de respeitar uma cultura que está *além* dos valores materiais, estando mais inclinada aos valores espirituais. Outro site diz que “quase tudo na Índia é espiritualidade, mas na verdade o grande propósito da cultura indiana é o conhecimento”.⁵

⁵ Disponível em: <<https://ayurveda.com.br/india-cultura-e-religiao/>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

A ideia que é vendida nesses meios é de uma Índia espiritualizada, um local propício ao desenvolvimento espiritual. Como observa Appiah (1997: 203), a modernidade “transformou cada um dos elementos do real num letreiro, e o letreiro diz ‘venda-se’; e isso se aplica até a campos como a religião, onde a razão instrumental reconhecera que o mercado tem, quando muito, um lugar ambíguo”.

⁶ O site *Mundo do Turista*, por exemplo, destaca que viajar pela Índia é uma experiência intensa e que “ninguém volta de lá indiferente”.

Reiterando o que é informado em muitos sites⁶ ou revistas de turismo, meus entrevistados afirmam que viajar para a Índia foi um *marco* em suas vidas, por ser um lugar de fortes contrastes em vários sentidos atribuídos ao termo, onde

convivem opostos – o que significa que o choque cultural é produzido pela contraposição permanente entre beleza e pobreza, trânsito intenso e animais soltos nas ruas, modernidade e sujeira, templos milenares e edifícios modernos...

Sob o olhar dos ocidentais, é como se alguma coisa estivesse constantemente *fora do lugar*, “o animal estava na rua”, em um sentido análogo ao que Mary Douglas (1976) se refere como *desordem*: a comida “picante”, as cores “múltiplas”, o caos “intenso”, tudo isso é uma construção do olhar do ocidental, porque, para os indianos, é algo naturalizado, já que convivem com isso. De qualquer maneira, esses depoimentos reafirmam a desordem, como se alguma coisa estivesse fora do lugar nessa construção do ocidental sobre o oriental. Acima de tudo, é enfatizada uma oposição, devido à ideia de alteridade que a Índia oferece e o fato de a identidade ser sempre contrastiva.

Busco compreender o motivo pelo qual pessoas, de diversas partes do mundo, têm como projeto procurar o autoconhecimento na Índia; e um fato a ser lembrado é que o conteúdo da narrativa apresentada pelas fontes que investiguei parece se repetir ao longo do tempo. O motivo de tal repetição é justamente, indica Said (1990: 102-103, grifos do autor), a existência de algumas circunstâncias que tornam mais provável a *atitude textual*.

Duas situações favorecem uma atitude textual. Uma é quando um ser humano enfrenta de perto algo relativamente desconhecido e ameaçador, e anteriormente distante. Nesse caso, recorre-se não apenas àquilo com que, na experiência anterior da pessoa, a novidade se parece, mas também ao que se leu. Livros de viagem ou guias são um tipo de texto quase tão “natural”, tão lógico em sua composição e utilização, quanto qualquer livro em que possamos pensar, precisamente por causa dessa tendência humana de recorrer a um texto quando as incertezas de uma viagem a partes estranhas parecem ameaçar a equanimidade da pessoa. Muitos viajantes são vistos dizendo a respeito de uma experiência em um país novo, que não era o que eles esperavam, querendo dizer que não era como um livro disse que seria. E é claro que muitos escritores de livros de viagens compõem suas obras de modo a dizerem que um país é assim, ou melhor que ele é colorido, caro, interessante e assim por diante. A ideia, em todos os casos, é que as pessoas, lugares e experiências podem sempre ser descritos por um livro, de tal modo que o livro (ou texto) adquira maior autoridade, e uso, que a própria realidade que descreve.

Said enfatiza que os textos escritos sobre o Oriente podem criar a própria realidade que parecem descrever, o que, com o tempo, produz uma *tradição* ou discurso, cuja “presença” ou “peso material” é responsável por novos textos a que dá origem, e não a autoridade de um dado autor.

A questão a que me detenho é como são socialmente construídas as representações do oriental e do Oriente pelos entrevistados. Assim como Said sugere sobre qualquer representação, os pesquisados também estão se apoiando em discursos já existentes ou *fabricados* sobre o Oriente e a Índia, no sentido de um local propício à busca de espiritualidade. Said (1990: 277) explica que

a questão real é se se pode de fato haver uma representação verdadeira de qualquer coisa, ou se todas as representações, porque elas são representações, implantam-se primeiramente na linguagem e depois na cultura, nas instituições e no ambiente político do representador. Se a última alternativa é a correta (como eu acho que é), então devemos estar preparados para aceitar o fato de que uma representação é *eo ipso* implicada, interligada, implantada e entretida com muitíssimas outras coisas além da “verdade”, que é em si mesma uma representação. Metodologicamente, isso deve levar-nos a ver as representações [...] como parte de um campo comum de atuação definido para elas não apenas por um tema comum, mas por uma história, uma tradição e um universo de discurso comuns.

⁷ A observação participante caracteriza-se pela elaboração de questões pautadas na vivência e na tentativa de compreensão das pessoas com as quais o pesquisador se relaciona em sua trajetória enquanto pesquisador, o que significa que os limites dessa metodologia são estabelecidos contextualmente (BASTOS, 2016; cf. VELHO, 1998).

Durante a pesquisa com informantes – realizada através da “observação participante”⁷ – ouvi recorrentemente que “o oriental” é entendido como mais “evoluído espiritualmente”, menos apegado ao material, ao passo que o “ocidental” é, particularmente, mais consumista. Entretanto, apesar de esta ser outra representação do oriental, diferente da representação dominante que Said encontrou, mesmo quando eles falam sobre o Oriente místico, espiritualizado, evoluído, é certo que também estão recorrendo a um tipo de discurso que já foi *autorizado* e/ou construído por diversos meios (livros, revistas, anúncios).

A experiência da viagem se torna uma narrativa assim que os viajantes *dizem* a si próprios o que está acontecendo durante a viagem, tão logo transformam uma ocorrência sensorial em uma trama expressa em palavras, explica Bruner (2005). Mesmo se eles ainda não disseram a si mesmos uma narrativa totalmente formada, mas apenas avaliaram seus sentimentos, isto em si se torna a base para um primeiro relato. Do ponto de vista do “eu” que está experienciando, a viagem consiste de uma série de sensações mas, do ponto de vista do “eu” que está se lembrando, ela se torna uma narrativa e uma severa seleção da realidade. Para o antropólogo, o segundo relato seria quando a história é articulada para outros.

Bruner (2005) aponta algumas distinções. A experiência original é muito mais rica e complexa que qualquer narrativa e o que os viajantes dizem a si mesmos, o “primeiro relato”, é sempre diferente do que contam aos outros, o “segundo relato”. Assim como todos experimentam o mundo diferentemente, o que aparece na consciência é diferente para cada viajante individualmente, já que é filtrado por entendimentos passados, personalidade, base do conhecimento e outros fatores. O autor demonstra que todas as narrativas devem ser entendidas como interpretações baseadas em uma realidade objetiva, mas não cópias exatas dela.

A ênfase que o antropólogo dá é a respeito da difícil situação de ocidentais durante estadias em destinos exóticos de países em desenvolvimento. Há uma grande quantidade de sensações não familiares que surgem na consciência, como locais, sons e cheiros variados, cujas experiências não podem ser plenamente compreendidas. As narrativas de antes da viagem têm limitações porque elas oferecem um esboço tão esquemático que nunca podem se tornar um verdadeiro modelo que explica tudo que acontece na viagem. A discrepância entre um esquema e um modelo abre um espaço aos viajantes para o improvisado, para construir suas próprias interpretações, de modo que tomam as narrativas do antes da viagem e as expandem para cobrir seus próprios encontros pessoais na cultura de destino. As narrativas do antes modelam a viagem, mas os viajantes não apenas repetem o que está nas brochuras e guias de turismo. Em vez disso, o autor sugere que eles têm agência e personificam as grandes narrativas tomando-as para si; o que significa que essa é uma arena para a criatividade e construção, para entender o estranho dentro de um contexto familiar.

Bruner (2005) lembra que há limitações às histórias que os viajantes estão dispostos a contar ou reconhecer para si próprios; eles podem experimentar embaraços, medo, raiva ou desejos que mal conseguem reconhecer e ficam hesitantes em relatar. Ele ressalta que há conhecidos gêneros: cobiça pela beleza selvagem, culpa devido à superioridade em relação a outros desprivilegiados, vergonha de sua própria riqueza, desejos e fantasias encobertas, aversão à sujeira e pobreza, terror quanto à possibilidade de agressão nativa, embaraço ao ser ludibriado e, simplesmente, medo de estar em tão estranho ambiente. Tais emoções podem não ser reconhecidas, como sugere, podem até nem ser “estorificadas” ou, se trazidas à consciência, podem ser consideradas como além das fronteiras de uma narrativa de viagem apropriada. Enfim, muitas experiências podem ser deixadas de lado do que é contado.

Ressalto que a memória é um processo ativo e, assim sendo, o relato não é apenas uma mera repetição, mas uma reconstrução; não é também uma ocorrência única,

mas um processo que continua através do curso da vida. Além disso, incidentes que não foram incluídos na narrativa da viagem podem ser chamados de volta e incorporados em subsequentes relatos. Eventos suprimidos ou negligenciados previamente das narrativas de viagem podem ser lembrados mais tarde (até anos mais tarde), assim como a pessoa, o contexto ou as convenções do relato mudam. Em vista disso, as histórias de viagens não necessariamente possuem um conteúdo fixo, mas podem ser adicionadas e expandidas por ocorrências inclusivas previamente omitidas, enquanto são trazidas de volta por associação (Id.). Enfim, entendo o *recontar* como sendo tanto construtivo quanto algo que reforça a própria narrativa da experiência.

Relativizando

Ao analisar os relatos dos peregrinos pesquisados, percebi que a noção de uma Índia mística ou espiritual não é unânime. Muito embora seja a noção que aparece recorrentemente nos livros e histórias, e, principalmente, nos anúncios de viagens, existe a possibilidade de considerá-la uma *ilusão*, explicam duas entrevistadas.

Eu acho que, para mim, assim, eu sempre tive um sonho de vir para a Índia. A Índia era como um canal de uma busca espiritual... Também foi a questão do ioga, mas principalmente a minha busca... E quando eu cheguei aqui, eu tirei o véu. Aquela questão da ilusão. Cada um tem um jeito de buscar a sua verdade. E no início eu me decepcionei muito, chorei bastante. É, chorei. Aquela doçura, aquela questão que eu ia chegar aqui e ia me sentir em casa e não foi assim. Veio com tudo, mostrou tudo como era. E agora eu estou começando a entender a Índia. Mas no início foi muito forte, a vontade que eu tinha era de voltar, mas como minha passagem já estava marcada para voltar daqui a um tempo, não tinha como. E eu tive que vivenciar. Hoje visitando alguns lugares onde eu pude ficar meditando e observando, eu comecei a buscar a minha paz de volta. Mas foi bastante difícil para mim. Foi quebrar muitas ilusões minhas. (Soraia)

No Brasil, e acho que no mundo inteiro, a gente tem uma ilusão de que quando tu vais chegar à Índia, teu coração vai se abrir, que a espiritualidade vai acontecer e que quando você volta daqui, as pessoas te olham diferente: “ah, você esteve na Índia”. (Ana)

A ilusão de uma Índia com belos templos, muitos sábios e lindas paisagens é frequentemente desfeita pelo choque sentido ao ver a realidade de milhões de indianos passando fome, dormindo nas ruas, muito lixo pelo chão e muitos doentes com hanseníase e outras doenças há muito erradicadas no “Ocidente”.

A imagem que é veiculada da Índia, como um local místico e espiritualizado, parece fazer parte de um imaginário que prevalece no discurso sobre o país, evidencia um peregrino pesquisado por Bastos (2006: 89):

Eu vim pelo que me atraía nos ensinamentos mesmo. Tudo o que eu lia me trazia de volta para a Índia. Assim, tipo, o misticismo. Das leituras que eu fazia eu posso dizer que eu vim mesmo pela cultura e por essa coisa mística, que a Índia tem, ou pelo menos a gente acha que tem. A Índia talvez tenha sido o primeiro país que eu venha realmente para viajar mesmo e conhecer e estudar realmente a cultura.

Nota-se a mesma ideia da viagem em busca de espiritualidade sendo relativizada na fala dessa entrevistada:

o que eu pensava é aquilo que eu te falei, da ilusão, da espiritualidade. Vai mudar muitas coisas em mim após a viagem, quando eu chegar no Brasil. Quebrou muitos paradigmas e tirei muitas ilusões. A imagem que eu fazia de espiritualidade não é essa. (Soraia)

A ideia que tinha de Índia é confrontada quando se chega ali e se sente um profundo contraste. Na literatura sobre a Índia encontrei o mesmo confronto:

Sob o belo conjunto de arcadas, as folhas para mastigar, os molhos rosados que tingiam a língua das pessoas, naquele mascar contínuo, e que resultava num cuspe vermelho, em princípio assustador e depois já natural. Foi aí que aprendi a arte de enxotar mendigos, que comecei a aprender a lidar com meu sentimentalismo humanitarista. Pude olhar de frente, e sem lágrimas, as coisas que nossa piedade não suporta. E o pior era dizer não às crianças e rejeitá-las, magras e suplicantes. Mas era assim ou partir. (FERREIRA, 2006: 16)

A real tragédia dos mendigos da Índia, Gary pensou, considerando a fila frente a ele, é que eles fazem a vida de suas enfermidades. Fossem sem dedos, sem pernas ou sem olhos, eles “se recusavam a ser humanos”. Seus rostos eram deformados em expressões permanentes de miséria. Um pedinte cego sentou por perto, chorando para ninguém em particular, seus genitais expostos descuidadamente. (BAKER, 2009: 98)

É interessante que os tipos de contato com a *impureza* carregam uma carga simbólica, explica Mary Douglas (1976), que teve um grande *insight* ao escrever que a sujeira “existe nos olhos de quem a vê”, sendo a noção de sujeira uma ideia relativa porque, antes de tudo, é uma construção social. Saliento que as imagens da Índia que são normalmente veiculadas escondem essa construção sobre a sujeira, que não é universal.

O que é que é verdade aqui, e o que é que chega para a gente lá no Brasil? Quando a gente chega aqui parece que, para mim, que é tudo muito cru assim, sabe? É tudo muito..., eu não tenho nem palavras para dizer isso, às vezes é chocante para mim. É superchocante. Porque quando vai chegando lá [no Brasil], já vai chegando de uma maneira mais ocidentalizada, um espaço bonitinho de tratamento ayurvédico, tudo limpinho. Aqui você chega para fazer massagem, te jogam em uma cama que o lençol está imundo, e aí está superfrio e jogam o mesmo negócio em cima de ti e tu dizes, “ai, meu Deus”. Então corre uma baratinha em um canto e não sei o quê. Para mim, é como se fosse tudo cru, assim. No fundo é muito intenso. Só que eu levei um tempo para abstrair essas coisas. Porque a gente tem as frescuras da gente. Eu sou uma pessoa superfresca, eu disse assim, “nossa, como é que vai ser na Índia?” No início era álcool e mais álcool na mão, uma coisa assim quase neurótica, e depois já vai relaxando, não é? Então tratamento ayurvédico para mim é super assim: tu chegas em uma sala horrorosa, fria, um lençol sujo e sabe? O que vai tirar daqui? Vai tirar tudo de bom, porque daí quando a pessoa bota a mão em ti, é tudo de bom, sabe? (Ana)

O ritual de limpeza que executava essa viajante ao “passar álcool e mais álcool” nas mãos remete novamente à ideia de Douglas sobre purificação, que tem como função principal impor sistematização a uma experiência “desordenada” (DOUGLAS, 1976: 8)⁸. A antropóloga afirma que nosso comportamento em relação à poluição é uma reação que condena as regras de classificação da pureza: tudo que percebemos é organizado em padrões que nossa própria cultura estabelece e, já que esse é um assunto público, é dificilmente sujeito à revisão, sendo assim de difícil relativização por parte das pessoas.

Apesar de a imagem recorrente veiculada nos guias, sites ou livros ser de que há uma grande quantidade de locais e práticas *esotéricas* a serem consumidos, isso pode gerar uma *aversão* a esse comércio. Como explica Baker (2009: 138) a respeito da viagem de Allen Ginsberg à Índia nos anos 1960, o “resultado subjetivo da Índia” nesse poeta foi o de parar com todas as atividades espirituais já iniciadas antes da viagem.

Uma entrevistada fala sobre a quantidade de ofertas disponíveis e sua reação a isso:

⁸ De acordo com Giddens (1991: 107), o ritual tem frequentemente um aspecto compulsivo, mas ele é também profundamente reconfortante, pois impregna um conjunto dado de práticas com uma qualidade sacramental.

Na verdade eu era mais espiritualizada antes de vir para a Índia do que sou hoje. Tipo, eu estava praticando meditação e Reiki e coisas do tipo na Inglaterra e na Tailanda e estava meio que indo por esse caminho, e então quando vim para a Índia, eu pensei tanto em espiritualidade que as coisas ficaram meio falsas, sabe? Então eu percebi que não queria ser parte daquilo... Não consegui me identificar com aquilo, não era o certo para mim. [E você, então, parou de meditar?] Eu ainda não parei com as práticas espirituais, mas eu não acredito que tenha que seguir nenhuma das práticas e, sabe, eu costumava ir a alguns retiros e coisas do tipo e eu ainda não fiz isso aqui. Eu simplesmente, por alguma razão, não me senti com vontade de fazer essas coisas aqui. Eu tenho essa coisa sobre fazer yoga. Eu parei de praticar, tem tanto disso aqui... (Christine)

Antes da viagem ela relata ter praticado ioga e Reiki, mas que, depois de perceber a existência de uma enorme oferta dessas práticas, passou a se perguntar qual delas era a mais “autêntica” e como escolher em meio a tanta oferta – o que pode fazer que o viajante se retraia e enxergue tudo aquilo como falso. Segundo outro entrevistado:

Eu tirei um tempo depois de um mês e meio viajando para comprar alguns livros e comparar diferentes métodos, sistemas de meditação. Eu queria encontrar a forma mais pura. Eu estou na Índia e tem tanta falsidade e charlatanismo, ilusionismo. Eu com certeza não queria me aprofundar nisso. Eu não estava a fim de ser o turista ingênuo; eu busquei a pureza para chegar até a fonte. Eu prefiro estar contra a correnteza, não seguindo o rebanho, e fazer do meu modo. (James)

Percebemos que a autenticidade quanto aos métodos de meditação para ele era tão relevante que o fez procurar pelo mais “puro”, encontrar a “fonte” do conhecimento “Oriental”. Lembro que tanto em relação à religião quanto ao turismo existe a noção de que se deve buscar *autenticidade*.

Um ponto em comum no campo do turismo e da religião pode ser observado no fato de o peregrino buscar a “autenticidade” como ferramenta. Tanto um quanto o outro podem ser pensados como maneiras de representar o mundo e, sendo assim, são entendidos como vias de acesso através das quais nossas visões de mundo são formadas. A autenticidade representa uma experiência (religiosa ou turística) real, dependendo apenas de como seja interpretada, quer dizer, se o peregrino considera suas experiências autênticas. Observei que o místico/espiritual, nesse caso, tem uma aproximação com o emotivo, sendo valorizado como o natural, puro, honesto e original – o que remete à noção do autêntico. Essa visão romântica da emoção é sentida, por muitos, como a fonte da mais alta verdade, principalmente pelo fato de pensarem a emoção como não sujeita às convenções culturais e, assim, como autêntica. Compreendo a emoção, tal como vem sendo estudada pela antropologia, não apenas como uma experiência interna, subjetiva, mas como uma prática discursiva com efeitos externos, que é construída socialmente e, dessa forma, extrapola o domínio do privado. Assim como entendo a espiritualidade se constituindo pela possibilidade da “não conversão”, já que podemos entendê-la como um sistema simbólico que aponta para o que está mais além das construções de nossa busca pela liberdade.

Ressalto que nenhum lugar é turístico ou religioso por si mesmo, mas há uma construção que é feita a partir de discursos sobre o local. Existem diferentes discursos/visões sobre a Índia. Para muitos, é um local sujo e não “desenvolvido”; para outros, é deslumbrante, colorido, aromatizado e os indianos “evoluídos” espiritualmente. Apesar da aparente contradição, esses discursos podem ser utilizados pela mesma pessoa em diferentes situações ou ao descrever diferentes sensações. Barth (2000: 123) esclarece a esse respeito: “as pessoas participam de universos de discurso múltiplos, mais ou menos discrepantes; constroem mundos diferentes, parciais e simultâneos, nos quais se movimentam. A construção cultural que fazem da realidade não surge de uma única fonte e não é monolítica”.

O que os viajantes são unânimes em afirmar – também a propaganda em torno da *turistificação* da Índia (aquilo que a torna um local turístico) – é que esse é um *locus* propício à mudança. Um anúncio de viagens garante que,

Se você está pensando em fazer uma visita ao olho do furacão, prepare-se. A Índia começará atacando seus sentidos: sem pedir licença. Sensações inéditas e inexplicáveis invadirão olhos, ouvidos, nariz e boca. Depois, a cabeça: a Índia vai mexer com todos os seus conceitos sobre velho e novo, rico e pobre, ordem e caos. Você se verá totalmente perdido, confuso, desconcertado. Tem gente que vem para a Índia e nunca mais volta, e é fácil entender por que. É bem provável que você retorne ao Brasil, mas tenha a certeza de que nunca mais verá o mundo da mesma forma. (BARTABURU, 2009: 9)

Esse tipo de discurso é um exemplo de como se apresenta a construção dessa ideia de Índia. Além disso, a noção de transformação aliada ao sentimento do caótico levou-me a investigar sua relação com o que se entende por mudança de paradigmas.

O caos e a mudança de paradigmas

A primeira vez que fui à Índia, o aspecto que me causou total estranhamento foi sentir que era difícil entender o que acontecia ali, uma sensação de estar perdida em meio ao caos. Como admitir, segundo Geertz (1989), que aquela cultura era um “conjunto de mecanismos de controle que ordenam o comportamento”? Muitos viajantes, ao deparar com a grande quantidade de pessoas e animais nas ruas, o lixo e a falta de saneamento, veem o local, pelo menos a princípio, como *caótico*. Uma peregrina explica o sentimento.

Eu entro em contato com um amigo meu no Brasil, e eu digo, “olha, estou desencantando da Índia, mas ao mesmo tempo estou enxergando uma outra Índia”. E meu amigo me responde assim: “é, não tem melhor lugar para tu encontrar tua espiritualidade que o meio do caos”. E eu fiquei pensando nisso. Eu disse: “a Índia para mim é tanta loucura que eu preciso me conectar com alguma coisa muito pura aqui dentro, para poder, não sei se sobreviver é a palavra, mas para poder suportar tudo isso”. Na verdade, acho que quando eu voltar para casa eu vou entender tudo isso, porque aqui a gente ainda está vivendo... (Ana)

O caos parece impulsionar uma conexão com algo *dentro* dela, pois o que se encontra “fora” não é compreensível/ou passível de assimilação. Outra pesquisada disse que, devido ao intenso sofrimento que sentiu, apenas se conectando com algo dentro de si conseguiu superá-lo, portanto, parece ser necessário sentir o sofrimento para, após talvez um consequente amadurecimento, encontrar a paz.

A noção que é transmitida pelos meios de comunicação que vendem a Índia (agências, sites, revistas e jornais) é a mesma. Um site veicula a imagem de total anarquia – o caos propriamente dito.

A Índia é um caos. Se você procura paz, a única que encontrará é a paz interior. No caso, o interior de si mesmo ou o dos hotéis. O lado de fora é o que o economista John Kenneth Galbraith, embaixador americano nos anos 1960, chamou de “anarquia funcional”. Ou seja, um lugar absurdamente cheio de gente e de vacas, ruidoso, desordenado e cujo trânsito não parece atender a nenhuma lógica conhecida. Mas que, milagrosamente, funciona. A ordem que rege tudo isso é um mistério que só os indianos ou os estudiosos da Teoria do Caos podem entender. Afinal, como se organiza uma nação de 1,1 bilhão de habitantes (agregou o equivalente à metade da população brasileira só na última década) e que fala dezesseis idiomas oficiais? (BARTABURU, 2009: 9)

A loucura – ou caos – parece transformar a maneira de pensar dos viajantes, assim como uma catarse, que provoca a revisão e a relativização de conceitos já estabelecidos. Como Mary Douglas (1976) supõe, a desordem tem a conotação

de algo ilimitado devido a seu potencial de padronização que é indefinido, sendo que o perigo, aí, encontra-se nos estados de transição ou liminaridade, já que a transição não é um estado nem o outro, é indefinível.

Uma ideia recorrente é de que quando se volta à Índia pela segunda vez, a pessoa se sente mais familiarizada com os tipos de experiência pelas quais passa ali. Uma entrevistada, ao estar na Índia pela segunda vez, diz sentir-se em casa: onde ela pode ser ela mesma, deixar as coisas acontecerem e dizer o que pensa, um lugar real.

Eu me sinto em casa. Este é meu maior sentimento, especialmente desta vez quando voltei à Índia, eu sinto que posso ser eu mesma. Eu posso deixar as coisas acontecerem e dizer o que penso, porque todo mundo aqui é verdadeiro comigo, bem, tem outros que tentam te enganar e tudo... mas tem uma verdade. Não é a minha casa, mas é como uma segunda casa. É com certeza um sentimento de paz e aceitação que não conheço... Em casa, no Canadá, é um outro modo de vida. Então quando eu voltei, desta vez, e andei nas ruas, eu tive um incrível sentimento de alegria e uma gratidão por estar aqui... Desta vez eu senti que tudo está integrado e que é como uma segunda casa para mim, me sinto muito confortável aqui, sinto que é uma maneira mais natural de vida que é mais simples para mim. É mais fácil viver dessa maneira do que a vida ocidental nesse momento. É mais difícil para mim aceitar todas as complicações, sabe, tudo, os horários... Essa é a maneira que eu gosto de viver no momento. Eu não sabia que ia ser tão diferente voltar pela segunda vez. Eu pensei que ainda teria a mesma intensa sobrecarga, mas não tive agora. Como se estivesse sido integrado e não me sinto mais sobrecarregada pela Índia. É mais fácil porque agora estou me acostumando com a Índia como um lugar em si e não é mais tão estranho. (Milly)

A noção de bem-estar e de aceitação parece ser possível somente após um tempo, o qual o viajante necessita para se adaptar, o que pode não acontecer em uma primeira viagem. Na verdade, a primeira impressão que muitos têm é a de não saber o que pensar e ficar muito confuso com as novas vivências.

Algo em que concordam é que as noções que tinham eram *idealizadas*; tudo o que pensavam antes da viagem parece se modificar no contato com a *realidade* local. Vejamos essa fala: “Eu não me importo quais são suas noções preconcebidas da Índia, garanto que não estão certas, se você viesse aqui, eu garanto que elas estariam erradas. Eu acho que minha ideia de Índia era que viríamos aqui e faríamos muita yoga e muita meditação...” (James). Existe um senso crítico por parte de alguns em relação à concepção que tinham antes de ir⁹. Ao terem experiências pessoais tão peculiares, são levados a relativizar o que leram ou ouviram falar, desconstruindo, assim, certos (pre)conceitos.

⁹ Podemos dizer que eles relativizam em alguns níveis, mas também reafirmam em outros.

Talvez a exacerbação de diferenças possa desencadear um tipo de percepção diferenciada pois, como explicam, para cada fato, há várias interpretações divergentes. Segundo uma viajante,

Tudo que acontece lá, quando você atravessa o oceano, muda de significado, muda a forma de ver, você olha para lá e vê outra coisa. Então você vê pessoas narrando fatos que você assistiu de maneiras tão diferentes do que realmente aconteceu, que eu digo, “minha Nossa Senhora, o que o oceano faz na cabeça das pessoas quando sai da Índia?” [...] Quando a pessoa cruza o oceano e vai para lá, revela-se outro aspecto da pessoa, lá. E quando ela volta, ela se reequilibra. A Índia tem essa função de, eu já li isso em algum lugar, ela é o inconsciente coletivo das pessoas. Então quando você chega lá, tudo aquilo que está mais preso em você vem à tona. A Índia é uma ferida aberta, quando você está lá, tudo vem para fora, não adianta você não querer, tem situações de você entrar em um local com um leproso do seu lado. Tudo que é manifestação física e fisiológica o indiano faz publicamente, então você cruza com situações que, para você, “como que eu vou entrar em um banheiro sem porta?”. Mas é assim, há coisas que mexem muito

com todos os sentimentos mais internos seus. E chega um momento que você não consegue segurar, então a coisa vem à tona e sempre vem com uma força danada. Então eu costumo dizer que a Índia tem duas situações, ame ou odeie, não tem meio termo, ninguém sai de lá impunemente. Não sai no meio termo, ou você sai como nós tivemos um companheiro de viagem que saiu dizendo, “se eu pudesse acabava com esse país de cima da face da terra, odiei isso”. Ou você sai totalmente encantado e quer voltar, porque é um país, ainda, que tem toda uma tradição, uma cultura, uma vivência própria muito diferente do resto do mundo. É diferente mesmo. (Marta)

Há ideias que circulam e acabam se tornando *mitos*, como a Índia ser “o inconsciente coletivo das pessoas”. Em alguns casos, são mitos que já foram lidos “em algum lugar”. Ainda que a viagem seja ao encontro do não familiar, torna-se baseada em concepções de familiaridade, com expectativas criadas ou construídas antecipadamente. Embora haja muita fantasia sobre a *realidade* da Índia, o viajante depara com situações bem diferentes de “sua” realidade, como os fatos descritos pela entrevistada, de estar com “leprosos” ou de ter que utilizar um banheiro sem porta. Além disso, alguns podem assistir à mesma “cena” que outros e ter percepções diferenciadas; enfim, são leituras diferentes do mundo social.

Vejamos o seguinte relato:

Porque você vem para cá, você tem que lidar com tudo isso e olhar com os olhos, quer dizer, não com os nossos olhos, para poder entender o que está acontecendo, porque a mesma cena lá é outro significado. Você vê uma situação aqui e você vê lá, é outra coisa que está acontecendo lá, não é a mesma coisa. Então você vê várias pessoas “jogadas” na rua – jogadas nos nossos olhos aqui, mendigo. Lá não é mendigo, de repente é um sadhu que está ali, um renunciante, é uma pessoa extremamente culta. (Mariana)

A Índia exige do viajante um entendimento mais complexo do que apenas interpretações diferenciadas do que se está vendo, mas um entendimento *interno*, no sentido da exigência de certa sensibilidade quanto a questões que “mexem” com o psicológico e emotivo das pessoas.

Outro conceito que aparece é a respeito da capacidade de desafiar, como explica o cineasta Jean Claude Carrière (apud CHOPRA, 2001): “Toda vez que venho à Índia, eu sei, antes do avião aterrizar, que verei algo que nunca vi antes – talvez um detalhe insignificante, às vezes o comportamento de alguém. Um novo lugar, um novo conceito”. Carrière ressalta que não é o mesmo caso quando ele viaja para Nova Iorque, por exemplo, onde ele não espera ser surpreendido, ou seja, ele conhece o local e sabe que tudo segue certas regras. Já na Índia elas parecem mudar a cada momento e, quanto mais ele descobre, mais há para descobrir. Ele explica entender a Índia como “fluida”:

É a essência de movimento em si. A Índia, para mim, simboliza exatamente o espírito de mudança, que tudo que é estável e firme acaba ruindo, como as torres gêmeas do World Trade Center em Nova Iorque. E que tudo o que é como o vento – sutil, invisível e em movimento – permanece. Isso é o que vivencio na Índia. A Índia diz a você para ser cuidadoso sobre ser rígido e estável e para esperar que coisas inesperadas aconteçam (Ibid.).

Esse é um tema recorrente entre os viajantes, não ser rígido e aprender a “relaxar” nas diferentes situações que vão surgindo ou “deixar fluir”, como enfatizam.

Um pesquisado indica que estar na Índia é uma experiência que proporciona um “ganho”, mesmo que haja sempre problemas “logísticos”: de alimentação, acomodação, quase todo mundo “passa mal” pelo menos uma vez durante a viagem, o que faz “parte do pacote”. Ele descreve o modo de vida indiano ao dizer que há muito pouco conforto – “*não têm um sofá, uma poltrona, tem umas almofadas*

assim, e é só” (José) – exemplificando que, tradicionalmente, não se dorme em cama, mas no que chamaríamos de futon, no chão, que é bastante confortável para o indiano mas que, segundo ele, para o “ocidental seria considerado um desafio”. Ele também define a experiência de Índia da seguinte forma:

Então realmente isso força você a encarar os seus limites, de tolerância a uma série de coisas, que a gente é condicionado, porque nós somos totalmente frutos da nossa experiência. Então daí essa ideia da peregrinação – você sair desse seu mundinho, onde você está confortável, buscar uma coisa que te force a quebrar essas barreiras. Nesse sentido, toda viagem a Índia pode ser chamada de peregrinação. (José)

Esse depoimento pode ser considerado uma “frase-síntese” do que significa realizar uma viagem à Índia. Em todas elas, relatou o entrevistado, há um confronto em relação ao que se está condicionado e é no sentido de encarar seus limites e “quebrar barreiras” – desconstruir certos preconceitos – que poderíamos chamar essas viagens de *peregrinação*.

Considerações finais

Cabe retomar a reflexão do que é difundido sobre a Índia, tanto pela mídia quanto oralmente, o que cria expectativas de que aconteça algo significativo na viagem. O que se leu ou ouviu influencia as experiências futuras, que continuam sendo relatadas, o que faz que o processo seja cíclico e contínuo. Para Chaim Noy (2004), uma qualidade cíclica é alcançada no contexto social das intensas atividades de comunicação entre os viajantes, as quais assumem um papel equivalente ao de comerciais e informações disseminadas institucionalmente na indústria do turismo. O autor indica que os mochileiros não apenas contam histórias com frequência, mas também ouvem as experiências de outros antes, durante e depois da viagem; isto posto, “a narrativa e as ocorrências reais são belamente entrelaçadas, o que leva a uma forte variedade de construção social de ambas as experiências da viagem e seus reais empreendimentos” (NOY, 2004: 92). A linguagem e o discurso religiosos oferecem um tipo de interpretação e inspiração similar, explica ele, cujos eventos estão imbuídos com um sentido e significado profundos.

A linguagem publicitária também influencia a construção da identidade local, no sentido de até a escolha de um destino ser feita de acordo com o processo de “antecipação da experiência”. John Urry (1999) explica que esse processo é construído com base na divulgação de informações e imagens do local, o que interfere na construção dos símbolos e significados associados a ele. Hoje em dia, a experiência dos viajantes é mais difundida que no passado e essa profusão de relatos, além de criar expectativas, também provoca pré-concepções – concepções que acabam se tornando mitos sobre o local, que se afirmam à medida que circulam pelo imaginário social.

As implicações dos relatos são significativas não apenas na formação de expectativas, mas na criação de identidades locais; eles ressaltam os aspectos espirituais e transformativos da viagem e incorporam conceitos que se estendem desde o significado da viagem, ideias do sentido que deve ter uma viagem, do que deve ser uma experiência espiritual ou religiosa, do quanto significativa é a espiritualidade dentro da sociedade e até mesmo de concepções da identidade pessoal.

Apesar de não serem, necessariamente, praticantes de uma religião em particular, alguns entrevistados deparam com situações consideradas espirituais e/ou místicas que os levam a significativas transformações em suas vidas, mesmo que inicialmente não tivessem buscado por isso. A peregrinação, desse modo, proporciona o tempo e o espaço necessários para compreender que as descobertas “reais” são feitas interiormente – de fato, alguns viajantes se deslocam com uma

clara noção de experimentação ou busca por alternativas; nesse sentido, a cultura do outro em virtude de sua relativa autenticidade parece facilitar explorações do Eu em variados níveis, particularmente em termos de visões de mundo. Esse espaço liminar, o qual algumas vezes é percebido como um momento de caos, pode se tornar fértil exatamente por provocar uma relativização do que se conhece, dos conceitos que se encontram preestabelecidos, que passam a ganhar outros sentidos: desde o significado de um gesto, de um símbolo, até a relativização do significado do *ser pobre, ser rico, ser saudável, ser religioso*.

Essa relativização de conceitos parece efetuar uma mudança de paradigmas, na qual, pelo menos para alguns, chega a transformar sua visão de mundo e maneira de viver. É nesse sentido que ela envolve um processo de deslocamento dos referenciais da cultura do visitante (que não parecem mais mobilizar seu “imaginário social”) em direção aos referenciais dessa outra cultura, que expressa, de um lado, a alteridade e, de outro, valores e interesses centrais do ser humano, que podem estar reprimidos na vida cotidiana – o que significa que o “outro” se torna sagrado em um sentido profundo e imprevisto. Eleger a Índia, então, como um local sagrado pode significar, para alguns, trocar referenciais que fundamentam visões de mundo estabelecidas a partir de outra cosmovisão. Enfim, este artigo tratou de uma representação de Índia generalizada, englobada pela ideia da espiritualidade – apesar de suas muitas traduções.

Referências

- ALVEZ, H. Viagem à Índia: onde turismo e autoconhecimento se encontram. *BemZen – Estilo de vida*, [s.l.], 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2jnMG7q>>. Acesso em: 24 maio 2015.
- APPIAH, K. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BAKER, D. *A blue hand: the tragicomic, mind-altering odyssey of Allen Ginsberg, a holy fool, a lost muse, a dharma bum, and his prickly bride in India*. New York: Penguin, 2009.
- BARTABURU, X. Você está preparado para visitar a Índia? *Jornal do Brasil*, [s.l.], 4 mai. 2009. Caderno de Turismo, p. 12. Disponível em: <<http://bit.ly/2ih5AAh>>. Acesso em: 22 set. 2015.
- BARTH, F. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: LASK, T. (Org). *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p. 25-67.
- BASTOS, C. *Em busca de espiritualidade na Índia: os significados de uma moderna peregrinação*. Curitiba: Prismas, 2016.
- _____. *Turismo e relações interculturais: uma viagem reflexiva com e sobre turistas independentes*. 2006. 126 f. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- BEATLES Anthology, The. Direção: Geoff Wonfor; Bob Smeaton. Produção: Neil Aspinall; Chips Chipperfield. EMI & Apple Corps, 1995. 11h 23 min. Episode 7 (Jun 1967 – Jul 1968). Color.
- BRUNER, E. The role of narrative in tourism. In: BERKELEY CONFERENCE, 2005, Urbana, IL. *On voyage: new directions in tourism theory*. Disponível em: <<http://bit.ly/2ihc1lm>>. Acesso em: 12 jan. 2017. p. 1-22.

- CASTRO, C. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, G. (Org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 80-87.
- CHILDRESS, D. H. *Cidades perdidas da China, Índia e Ásia Central*. São Paulo: Siciliano, 1988.
- CHOPRA, S. The French Vyasa. *Life Positive*, [s.l.], 2001. Disponível em: <<http://bit.ly/2jbAPM7>>. Acesso em: 10 abr. 2015.
- DOUGLAS, M. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976. FERREIRA, J. Memória-viagem: da Índia à infância e ao sertão. *Cadernos do CEDES*, Campinas, v. 26, n. 68, p. 9-20, 2006.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- ÍNDIA: cultura e religião. *Clínica de Ayurveda: Medicina Oriental*, Rio de Janeiro, 9 out. 2014. Disponível em: <<https://ayurveda.com.br/india-cultura-e-religiao/>>. Acesso em: 17 jan. 2017.
- MYSTIC India: an incredible journey of inspiration. *About the film*. [s.d].
- NOY, C. This trip really changed me: backpackers' narratives of self-change. *Annals of Tourism Research*, v. 31, n. 1, p. 78-102, 2004. Disponível em: <<http://bit.ly/2ioIjKB>>. Acesso em: 3 fev. 2016.
- SAID, E. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 1990.
- SPIRITUAL India: river of compassion. 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2ioRpar>>. Acesso em: 6 nov. 2013.
- URRY, J. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel; Sesc, 1999.
- VELHO, G. *Nobres e anjos: um estudo de tóxico e hierarquia*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- YOKOTA, P. Turismo na Índia em foco. *Ásia comentada*, [s.l.], 26 jan. 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/2jthk2o>>. Acesso em: 17 jan. 2017.